

ARTIGO

O ENSINO DE GEOGRAFIA E OS DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE EM SALA DE AULA

Maria Silmara Cruz Sousa¹

RESUMO

O artigo discute os desafios vivenciados pelo professor na atual realidade escolar, levando em consideração o ensino de Geografia relacionado às experiências vivenciadas em uma escola municipal da rede pública de Abaiara-CE, durante 2017. Diante das dificuldades e dos desafios que encontramos na docência, problematizamos as seguintes questões: Quais os principais desafios encontrados na docência em sala de aula? Qual é o nosso ofício enquanto educador, diante de questões que cercam a aprendizagem de nossos alunos e que se refletem na prática de sala de aula? Como despertar nos alunos o interesse pela busca do saber durante as aulas de Geografia? Assim, discutimos sobre os principais desafios que encaramos na docência, para refletirmos sobre o ensino de Geografia na atualidade, sobretudo na escola pública. Realizou-se uma revisão bibliográfica sobre a temática, apoiando-nos em Alarcão (2011), Arroyo (2012), Charlot (2013), Cavalcanti (1998, 2012), Habermas (2002), Japiassu (1976), Mosé (2014) e Vesentini (2005), relacionando-se as considerações dos autores às experiências vivenciadas enquanto docente, estabelecendo-se relação com a prática vivenciada em sala de aula. Seguindo uma abordagem qualitativa, através de uma espécie de “conversa” entre autores sobre a temática, diante de reflexões sobre as práticas vivenciadas em sala de aula, das experiências, das dificuldades e do aprendizado que adquirimos ao longo da formação enquanto professor. Desse modo, o trabalho traz uma discussão pertinente, apresentando os desafios pelos quais se passa no ofício de educador, com um viés reflexivo sobre a prática em sala de aula.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Prática de ensino. Desafios da docência.

¹ Graduada em Geografia pela a Universidade Regional do Cariri – URCA; mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino – PPGÉ, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Pau dos Ferros. E-mail: silmaracruz2012@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu de uma experiência profissional como professora em uma escola da rede pública do município de Abaiara-CE (a qual, por razões éticas, não identificaremos aqui), ministrando, em 2017, a disciplina de Geografia em turmas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. A partir dessa vivência, foi possível perceber algumas questões referentes à nossa missão docente, especialmente em relação às dificuldades diárias em sala de aula e ao quanto somos aprendizes, como os nossos alunos, fato que exige, portanto, estarmos sempre refletindo sobre a nossa prática.

Nesse contexto, o estudo traça reflexões a respeito da prática docente, pois, sendo uma profissão em que ensinamos, ao mesmo tempo aprendemos, todos os dias, com as situações de sala de aula. Seja com acertos ou falhas, que algumas vezes cometemos, condição humana de seres aprendizes, isso nos permite desconstruir e reconstruir o ofício de mestre.

Diante das dificuldades e dos desafios que encontramos na docência, relacionando-os ao ensino de Geografia, problematizamos as seguintes questões: Quais os principais desafios encontrados na docência em sala de aula? Qual é o nosso ofício enquanto educador, diante de questões que cercam a aprendizagem de nossos alunos, e que se refletem na prática de sala de aula? Como despertar nos alunos o interesse pela busca do saber durante as aulas de Geografia? Assim, discutimos sobre os principais desafios que encaramos na docência, para refletirmos sobre o ensino de Geografia na atualidade, sobretudo na escola pública.

Nessa perspectiva, para o desenvolvimento do artigo, realizamos um levantamento bibliográfico sobre a temática, apoiando-nos em Alarcão (2011), Arroyo (2012), Charlot (2013), Cavalcanti (1998; 2012), Habermas (2002), Japiassu (1976), Mosé (2014) e Vesentini (2005), relacionando-se as considerações dos autores às experiências vivenciadas enquanto docente.

Seguindo uma abordagem qualitativa, este trabalho envolve uma espécie de “conversa” entre autores sobre a temática tratada, complementada por uma reflexão sobre as práticas vivenciadas em sala de aula em torno da didática, das experiências, das dificuldades e do aprendizado que adquirimos ao longo da formação enquanto professor.

Dessa forma, a escolha por essa temática surgiu a partir das vivências, a partir das quais passamos a experimentar inúmeras questões, dilemas e também aprendizado,

pois a cada dia vamos nos descobrindo através das nossas falhas e acertos nessa profissão que nos exige muito além de conteúdo, uma vez que lidamos com humanos os quais nos mostram que, também através do ensino, é que aprendemos a aprender a nossa missão enquanto mestres.

Sendo assim, inicialmente, trazemos uma discussão sobre os desafios encontrados em sala de aula, na prática docente e na realidade escolar. Em seguida, discutimos sobre o ensino de Geografia e os desafios da prática na atualidade para, por fim, relatarmos as experiências vivenciadas em sala de aula, dando-se ênfase às aulas de Geografia e às dificuldades encontradas pelos docentes dessa disciplina.

2 CONCEPÇÕES EPISTEMOLÓGICAS SOBRE OS DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE

Pode-se dizer que, hoje em dia, ser professor tornou-se uma profissão muito mais desafiadora, pois nas nossas vivências em sala de aula, percebemos o quanto o ofício de mestre nos impõe cada vez mais a exigência de sermos sujeitos multifacetados. Constantemente, somos desafiados por diversas questões, pedagógicas ou sociais que rodeiam a nossa escola, que cercam nossas crianças e jovens, o que, muitas vezes, reflete na prática enquanto educador.

Ser professor não é algo que nos tornamos do dia para a noite, mas sim, em um processo contínuo de construção e reconstrução diária, através das vivências, das dificuldades pelas quais passamos, das nossas aprendizagens e através, também, das nossas falhas, pois nem sempre iremos acertar dentro da sala de aula.

Logo, um dos grandes desafios, talvez o maior de todos no atual contexto histórico, é mobilizar as crianças e os jovens ao encontro do saber em uma sociedade que é marcada por uma desigualdade social, em que o ensino é visto como uma moeda de troca. O currículo imposto para as escolas priorizam mais as notas do que mesmo o saber, que é o mais importante, ou seja, cada vez mais enxergamos alunos que chegam à escola sem nenhuma perspectiva em relação à educação, e isso faz nos sentirmos desafiados a reverter essa situação. Assim, é necessário mobilizar os alunos na busca pelo conhecimento, pois como ressalta Charlot (2013, p. 114):

Ensinar é, ao mesmo tempo, mobilizar a atividade dos alunos para que construam saberes e transmitir-lhes um patrimônio de saberes legado pelas gerações anteriores de seres humanos. Conforme os aportes de Bachelard, o mais importante é entender que a aprendizagem nasce do questionamento e leva a sistemas constituídos.

Outra questão que encaramos na prática é o considerável número de jovens que chegam à escola com marcas de uma vida que não traz consigo a esperança de que o amanhã seja um dia melhor. Sua realidade é tão dura que vem a se refletir na sua forma de ser e de agir dentro da sala de aula, onde, por diversas vezes, acabamos julgando esses jovens, sem ao menos pensar que eles são tão vítimas quanto nós professores, que temos de encarar esse desafio, não como um grande problema, mas como uma forma de ajudarmos a dar “vida” a esses jovens, que vivem em uma realidade marcada pela desumanização. Segundo a concepção de Arroyo (2012, p. 25),

[...] conviver com outras vidas mais vulneráveis é a experiência mais desafiante para nossa reflexão e ação pedagógica. Se a infância desafia a pedagogia desde suas origens, a experiência de vivê-la com tanta precariedade traz desafios ao repensar-se da pedagogia e da docência: chegam com fome, vidas sofridas. Não consigo desfazer-me de seu olhar... Falas conscientes de docentes-educadores(as). Outra história de outras infâncias que se afirmam presentes nas escolas e na sociedade.

Outra questão desafiadora que vivenciamos na docência é percebermos, na sala de aula, alunos que estão dentro da escola enquanto espaço físico, mas ao mesmo tempo “fora”, por não se sentirem inseridos em um ambiente no qual, para eles, não têm sentido. Casos como esses nos dão a missão de construir com os alunos uma nova percepção de estar e de se sentir na escola enquanto sujeitos, pois sabemos que muitos de nossos jovens de escolas da rede pública de ensino que vivem em áreas vulneráveis, não possuem em casa uma estrutura familiar que possa dar suporte a eles e à escola, por estarem expostos à miséria, à violência e ao descaso. Segundo Mosé (2014, p. 65),

[...] A educação deve permitir aos jovens e às crianças construir para si mesmos destinos, e isso envolve permitir que exerçam o seu protagonismo, atuem em sua própria vida e na sociedade. [...] ou por trás de muros cada vez mais altos permanecerão crianças e adolescentes afastados do mundo, se preparando para uma vida que só começa quando a escola termina. Uma vida que de fato nunca chega.

Vivenciamos na docência inúmeras questões que fazem parte do nosso dia a dia enquanto educadores, sendo que uma das mais desafiantes delas é lidar com alunos especiais. Não consideramos essa realidade um problema na profissão, no entanto o receio diante disso é não possuímos uma formação adequada para atender a esses alunos, pois é necessária uma capacitação que possa dar um suporte a mais ao professor,

para que o docente possa contribuir no seu processo de ensino-aprendizagem diante de suas limitações.

Vale ressaltar que através desses alunos nos tornamos ainda mais humanos, visto que aprendemos muito mais com eles do que ensinamos. Eles são seres especiais, muito além do sentido figurado da palavra, pois é em contato com eles que nos tornamos profissionais ainda melhores, enxergando a docência com outros olhos. Isso nos motiva a procurar desenvolver outras pedagogias que devem ser construídas na escola, que reconheçam e atendam a todos, independentemente das suas dificuldades e limitações.

Além dos já citados, outra questão desafiante que encontramos na nossa profissão, vista na maioria das escolas, é o fato de se seguir o mesmo padrão de currículo, sempre com as mesmas propostas de prática pedagógica, com o mesmo conteúdo segmentado, pronto e acabado nos currículos escolares. Professores e alunos se tornam vítimas dessa “fatia de pizza” de conhecimentos separados, divididos em grades curriculares em cada disciplina, impossibilitando, assim, uma interação sobre os diversos ramos do conhecimento.

Podemos trazer outra discussão que também faz parte desse contexto de desafios. Nas vivências em sala de aula, ao propormos a interdisciplinaridade como um complemento ao currículo, que não facilita a forma de se construir o conhecimento de maneira mais integrada sobre os diversos saberes, podemos ver ainda alguns professores indispostos a promoverem um ensino interdisciplinar na escola, preferindo ficar na zona de conforto e continuar condicionados à sua própria “ilha do saber”.

Segundo Japiassu (1976), “[...] uma ciência de migalhas reflete uma consciência esmigalhada, uma esquizofrenia intelectual que dificulta um conhecimento integral e totalizante do mundo”. Nesse sentido, a interdisciplinaridade incorpora os resultados de diversas disciplinas, chegando a um momento de uma nova epistemologia, que não é uma mera reflexão sobre cada ciência em particular e separada do resto, mas algo mais integrado e reflexivo sobre a construção do conhecimento em sala de aula.

O espírito interdisciplinar não exige que sejamos competentes em vários campos do saber, mas que nos interessemos, de fato, pelo que fazem os nossos vizinhos em outras disciplinas, pois a metodologia interdisciplinar postula uma reformulação total das estruturas de ensino das ciências, com vistas a reorganizar o meio científico e a desencadear toda uma espécie de transformação institucional mais ajustada ao bem da sociedade humana.

Outro desafio, e talvez o maior de todos até aqui mencionados, é desenvolver nos nossos alunos a capacidade de compartilhar idéias através do discurso, da capacidade de emancipar a todos, para que possamos formar mentes capazes de mudar a sociedade de pessoas alienadas para uma sociedade mais crítica, sendo essa a principal característica da teoria da ação comunicativa desenvolvida por Jürgen Habermas. Segundo Mühl (2003, p. 289),

O desafio maior é desenvolver nos indivíduos a competência comunicativa para que possam participar de forma crítica e criativa da comunidade comunicativa. Isso só se torna viável pelo processo de participação de todos no discurso; somente exercitando-se na argumentação é que os indivíduos se tornam peritos na arte argumentativa.

Assim, não podemos esquecer que essa ação comunicativa descrita a partir da ótica de Habermas é uma forma de interagirmos através da nossa linguagem, em que todos que fazem parte do mesmo contexto possam dialogar de forma emancipatória, expondo suas opiniões, a partir das suas subjetividades para que, a partir disso, possam interagir de maneira intersubjetiva interativa para, assim, chegar-se a um entendimento entre os sujeitos envolvidos, a fim de se desenvolver uma aprendizagem significativa entre educador e educando dentro do contexto escolar.

O ser humano, é, pois, um ser que aprende, que se constrói e reconstrói a si e ao seu mundo mediante processos de aprendizagem. Tais processos constroem e reconstroem a cultura, a sociedade e a personalidade. Não são processos que se dão a partir do nada ou no seio de uma subjetividade isolada e solipista, mas ocorrem articulados às tradições culturais, ao mundo da vida linguisticamente estruturado e ao agir comunicativo. (CASAGRANDE, 2009, p. 120).

Diante dessas questões discutidas até aqui sobre as experiências vivenciadas na prática, conseguimos enxergar o quanto precisamos refletir sobre a docência e sobre as questões que fazem parte da realidade da sala de aula, para que possamos desenvolver na escola uma nova pedagogia, em que a docência seja mais humanizadora, que possamos encarar esses desafios como algo que nos motive a sempre buscarmos o melhor para as nossas crianças e jovens e a sempre lutarmos por uma sociedade livre de preconceito e de segregação social, educacional e de direitos.

3 DESAFIOS DO ENSINO DE GEOGRAFIA E DA PRÁTICA DOCENTE NA SALA DE AULA

Um dos grandes desafios da atualidade na prática docente é desenvolver uma interligação entre o que se ensina com o que está presente na realidade do aluno, tornando essa fragmentação algo a ser analisado no cotidiano escolar, para que se possa buscar meios de ensinar de modo a proporcionarem uma articulação que torne esse conhecimento algo significativo para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. No ensino geográfico a autora Cavalcante (2012, p. 175-176) ressalta que:

O caminho mais adequado para desenvolver o tema de procedimentos no ensino de geografia é o de uma reflexão sobre os objetivos. Ensino é um processo de conhecimento do aluno mediado pelo professor, no qual estão envolvidos, de forma independente, os objetivos, os conteúdos, os métodos e as condições e formas de organizações.

Como o tempo e o contexto educacional mudaram, o ensino de Geografia também foi se modificando com o passar do tempo, não só a partir das práticas, mas principalmente em relação ao conhecimento, pois, antes, o professor dessa disciplina, para poder ministrar a sua aula, só precisava possuir os conhecimentos referentes a sua formação, ou seja, o ensino se resumia apenas a uma mera transmissão.

Porém, com o passar dos anos, foi preciso fazer uma reflexão sobre a prática, para analisar como estava a aprendizagem dos alunos. Diante disso, iniciou-se uma busca pela formação de professores que pautassem os seus métodos em um ensino mais significativo para contribuir com o processo de aprendizagem, para a formação do pensamento crítico e para o desenvolvimento intelectual sobre os conhecimentos geográficos.

Na visão de Vesentini (2005), estudar Geografia é uma forma de compreender o mundo em que vivemos. Por meio desse estudo, podemos entender melhor o local em que moramos, seja a cidade, seja a área rural, e o nosso país, assim como os demais países. O campo de preocupações da Geografia é o espaço da sociedade humana, onde homens e mulheres vivem e, ao mesmo tempo, produzem modificações que constroem permanentemente.

Nesse sentido, a ação da reflexão proporciona ao professor um ensino diferente daquele que geralmente é desenvolvido na escola, especificamente na disciplina de Geografia, em que o ensino é realizado sem muitos estímulos, na qual a aprendizagem limita-se apenas a reproduzir os conteúdos geográficos por alguns “professores” que lecionam essa disciplina. Como afirma Cavalcanti (1998, p. 11):

O pensar geográfico contribui para a contextualização do próprio aluno como cidadão do mundo, ao contextualizar espacialmente os fenômenos, ao conhecer o mundo em que vive, desde a escala local à regional, nacional e mundial. O conhecimento geográfico é, pois, indispensável à formação de indivíduos participantes da vida social à medida que propicia o entendimento do espaço geográfico e do papel desse espaço nas práticas sociais.

Diante disso, é preciso destacar a importância que o ensino de Geografia possui para a contribuição da percepção e compreensão do espaço geográfico pelo aluno. Segundo Cavalcanti (1998, p.24), “A finalidade de ensinar Geografia para crianças e jovens deve ser justamente a de os ajudar a formar raciocínios e concepções mais articulados e aprofundados a respeito do espaço”.

Apesar de toda a sua importância enquanto ciência que possibilita aos alunos a construção de um pensamento crítico, o ensino de Geografia vem passando por diversos problemas que estão relacionados no contexto escolar, o que dificulta o trabalho do professor em lidar com os desafios postos em sala de aula, os quais podemos destacar: o desinteresse dos alunos, a indisciplina em sala de aula, alunos que possuem necessidades especiais. Ainda segundo Cavalcanti (2012, p. 95),

[...] na prática, a geografia ensinada muitas vezes não consegue ultrapassar ou superar as descrições e as enumerações de dados, fenômenos, como é da tradição dessa disciplina. Na prática, o livro didático define o que vai se ensinar, e os professores tratam como temas em si mesmos, sem articulá-los a um objetivo geral. Na prática, continua a ser um desafio trabalhar com situações-problemas, buscando a formação de um pensamento conceitual, para servir de instrumento da vida cotidiana, tendo em mente ao mesmo tempo a complexidade do mundo contemporâneo e o contexto local.

Cavalcanti (2012) destaca que o objetivo do ensino de geografia é contribuir para o desenvolvimento do pensamento autônomo, considerando a internalização do raciocínio geográfico, onde é importante organizar os conteúdos valendo-se de conceitos básicos em relação à apreensão do espaço geográfico.

Assim, como discutido anteriormente sobre as dificuldades e vários outros embates que fazem parte da nossa realidade enquanto educadores, ao se discutir sobre o ensino de Geografia como uma ciência crítica e reflexiva que contribui para a formação do pensamento crítico dos nossos educandos, não podemos esquecer que a mesma perpassa por algumas questões que nos colocam a missão de inovarmos a forma como essa disciplina é discutida, para que através dessa nossa percepção enquanto

professores, possamos construir um ensino mais empolgante e significativo para os nossos alunos durante as aulas.

[...] O ensino de Geografia, assim, não se deve pautar pela descrição e enumeração de dados, priorizando apenas aqueles visíveis e observáveis na sua aparência (na maioria das vezes impostos à “memória” dos alunos, sem real interesse por parte destes). Ao contrário, o ensino deve propiciar ao aluno a compreensão do espaço geográfico na sua concretude, nas suas contradições (CAVALCANITI, 1998, p. 20).

É preciso que durante as aulas possamos sempre estar interligando os conteúdos que estamos discutindo em sala em nossa disciplina, fazendo uma ponte com a realidade de nossos educandos, pois não se trata apenas de transmitir saberes advindos da formação do professor, mas, sim, de construir conhecimentos com os educandos de maneira integradora e reflexiva sobre o meio do qual fazem parte.

Ao falarmos sobre o ensino de Geografia pautado na construção do conhecimento em sala de aula e mostrando que ainda há algumas questões a serem discutidas e refletidas sobre a maneira como interagimos, por meio dessa ciência, com os educandos, é importante também trazer para essa discussão as práticas pedagógicas que rodeiam toda essa teia de conhecimento que faz parte do contexto da atual realidade escolar que vivenciamos na prática.

Em nossa prática em sala de aula, necessitamos cada vez mais de maneiras de ensinar promovendo aprendizagens, que venham proporcionar ao professor e aos educandos novas formas de trazer o conhecimento para o encontro desses sujeitos que compõem a sala de aula como espaço de interação e de transformação de novas mentes. Na Geografia, além de outras questões que adentram nos desafios e dificuldades que vivenciamos em sala, vêm-se também as práticas pedagógicas como um desses embates que nos coloca numa posição de buscar novas estratégias para o processo de ensino-aprendizagem, considerando-se que, a cada dia, somos tomados por informações dessa era digital na qual nossos alunos estão interagindo a todo o momento.

4 EXPERIÊNCIAS NA SALA DE AULA: NOSSO “MUNDO DA VIDA” NA FORMAÇÃO DOCENTE

São muitos os desafios vivenciados na nossa realidade escolar que podemos descrever, os quais colocam-nos, enquanto educadores, muitas questões a serem superadas, atribuindo-nos uma dura missão de nos reinventarmos todos os dias em sala,

através de novas formas e situações de aprendizagem ou, até mesmo, da maneira como desenvolvemos o nosso ofício de mestre, em busca de amenizar as dificuldades que encontramos durante a condução da aula, na qual podemos enxergar de perto o quanto ainda a docência e a didática precisam ser repensadas diante das circunstâncias e das dificuldades impostas à nossa profissão.

Não se trata apenas de possuir experiência em relação à docência, mas sim, de muitos outros fatores que se permeiam e fazem parte do contexto escolar, o que acaba colocando a nós professores a missão de reinvenção da docência, seja através da forma como interagimos com nossos educandos, seja das nossas práticas pedagógicas desenvolvidas, ou até mesmo de buscarmos sempre entender e compreender o mundo com que nossos alunos se relacionam, pois, só assim, poderemos compreender ainda melhor nosso alunado, além de ensiná-los, entendermos suas fragilidades, angústias e sonhos que os mesmos carregam, uma vez que estamos sempre lidando com diversos alunos que apresentam potencialidades, dificuldades, limitações e desejos distintos.

Uma das principais dificuldades encontradas na escola, *campus* da pesquisa, era a indisciplina em sala, pois a maioria dos alunos vivia em áreas da cidade de grande vulnerabilidade, onde vivenciavam a violência, o descaso e a falta de estrutura familiar. Era possível perceber alunos jovens que chegavam à escola sem nenhuma perspectiva em relação ao saber e que para muitos a sala de aula era vista apenas como um lugar de refúgio, o que nos trazia, assim, a missão de exercermos muito bem o nosso lado profissional, mas principalmente o nosso jeito humano de ser, para tentar redimir toda essa realidade que se refletia no processo de ensino-aprendizagem em sala de aula.

Ou seja, essa escola atendia a uma demanda de alunos que traziam consigo marcas de uma realidade de vida que se refletia na sala de aula, do ponto de vista acadêmico, pois além da indisciplina descrita anteriormente, havia outro fator atrelado a isso, que era a falta de motivação para a busca do saber. Era perceptível em algumas turmas a falta de interesse em aprender, alunos que não se sentiam sujeitos inseridos na sala de aula, que estavam na escola apenas como corpos, e não como mentes ativas em busca do conhecimento, sendo este um dos maiores desafios que encaramos na docência: despertar nos nossos discentes a mobilização para ir em busca do conhecimento.

Uma das maiores dificuldades vivenciadas nesta instituição de ensino foi lecionar para alunos que apresentavam necessidades especiais, pelo fato de necessitar de uma capacitação adequada para atendê-los da maneira que eles necessitavam. Havia

turmas com alunos com diversas limitações intelectuais. Diante disso, a sala de aula passa a não ser a mesma, quando temos algum aluno que necessita de cuidados especiais, pois eles vêm somar. No entanto, faz-se necessária outra pedagogia de ensino para ser trabalhada na prática docente, adquirida por meio da capacitação dos professores.

Havia alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), com dislexia e com hiperatividade. Por isso, por diversas vezes surgia a angústia pela ausência de uma especialização que pudesse dar um suporte para lidar com esses alunos que necessitavam de muito mais que passar pelo processo de ensino-aprendizagem.

Sabemos que a docência nos proporciona viver inúmeros desafios, mas não podemos esquecer que é através das dificuldades pelas quais passamos que nos tornamos seres mais fortes, e que realmente só passamos a aprender ainda mais, quando estamos sendo desafiados, pois é com os desafios que passamos a reconhecer as nossas limitações e habilidades a serem desenvolvidas e que, ao mesmo tempo, vamos ampliando o nosso mundo da vida através das experiências que passamos enquanto professores.

Nessa oportunidade, é importante fazer uma relação do conceito do mundo da vida com a sala de aula, que é o nosso campo de maior importância para adquirirmos competências e nos vermos como profissionais diante da prática diária, visto que além de todos os conhecimentos adquiridos durante os anos na graduação, sabemos que a nossa “formação” ainda necessita de novos horizontes que venham ampliar os nossos saberes e, principalmente, o nosso mundo da vida enquanto professor em sala de aula.

Segundo Habermas (2002), o conceito de mundo da vida é formado por três princípios: *os valores culturais*, que estão encarnados nas práticas da vida cotidiana, através das experiências que têm como pretensão de validade intersubjetiva, sendo a cultura definida por Habermas como o armazém do saber; *sociedade*, através das normas e leis perpassadas pelas pessoas; e, por último, a *personalidade*, que é o sujeito que está sempre em construção, para ampliar esse mundo da vida através das nossas experiências. Habermas vem dizer, assim, que essa estrutura busca quebrar essas normas e paradigmas, para que assim possa surgir uma sociedade pós-convencional.

Acreditamos que esse mundo da vida sobre o qual Habermas discute tem muito a ver com a docência, pois a cada ano que passamos vamos adquirindo novos saberes, novas experiências que só a sala de aula pode nos proporcionar. A cada vivência, em cada escola pela qual passamos, cada novo aluno e a cada novo desafio nos tornamos

peças capazes de compreender todo o contexto educacional, que não é fácil, mas é muito gratificante quando temos o intuito de enriquecê-lo e torná-lo algo significativo para nós e, principalmente, para nossos alunos, que serão o futuro da nossa cidadania.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procuramos fazer uma discussão sobre o ensino de Geografia e os desafios encarados na prática docente, enfatizando as vivências enquanto educadora na escola da rede pública do município de Abaiara-CE, as quais possibilitaram compreender alguns anseios e angústias por que passamos dentro da sala de aula, sendo que alguns deles estão relacionados a pouca experiência enquanto docente, devido a algumas questões antes não vivenciadas.

De acordo com o que foi discutido e observado na vivência docente, nessa instituição de ensino atuando como professora, foi possível refletir ainda mais sobre a docência, sobre o nosso ofício de professor, sobre a pedagogia, aliás, sobre tudo que faz parte do contexto escolar, pois, a todo momento, somos testados não só pelos alunos, mas, principalmente, sobre as questões metodológicas, sobre a nossa formação, porque tudo isso está atrelado a nossa realidade enquanto educadores.

Portanto, a experiência adquirida durante a vivência nessa escola da rede pública de Abaiara-CE foi algo desafiador e, ao mesmo tempo, gratificante, pois a realidade vivenciada possibilitou a reflexão mais ampla sobre diversas questões e, principalmente, possibilitou reconhecer o quanto precisamos evoluir, não só no que se refere a questões metodológicas, mas, sobretudo, na forma como interagimos e na nossa maneira de ser em sala de aula e, sempre, procurar se renovar a cada dia, para que assim, possamos formar cidadãos capazes de construir uma sociedade melhor e mais justa.

THE TEACHING OF GEOGRAPHY AND THE CHALLENGES OF TEACHING PRACTICE IN THE CLASSROOM

ABSTRACT

The article discusses the challenges experienced by the teacher in the current school reality, taking into account the teaching of Geography related to the experiences experienced in a municipal school of the public school of Abaiara-CE, during 2017. In view of these questions regarding the difficulties and challenges we encounter in teaching, we problematize the following questions: What are the main challenges encountered in classroom teaching? What is our job as an educator, in the face of questions that surround our students' learning, and that are reflected in classroom practice? How to arouse in students the interest in the search for knowledge during geography classes? Thus, we discuss the main challenges we face in teaching, to reflect on the teaching of Geography today, especially in public schools. A literature review was carried out on the theme, based on Alarcão (2011), Arroyo (2012), Charlot (2013), Cavalcanti (1998, 2012), Habermas (2002), Japiassu (1976), Mosé (2014) and Vesentini (2005), relating the considerations of the authors to the experiences experienced as a teacher, establishing relationship with the practice experienced in the classroom. Following a qualitative approach, through a kind of "conversation" between authors on the theme, in view of reflections on the practices experienced in the classroom, experiences, difficulties and learning that we acquired throughout the training as a teacher. Thus, the work brings a pertinent discussion, presenting the challenges that are posed in the teaching profession of educator, with a reflexive bias on the practice in the classroom.

Keywords: Geography teaching. Practices teaching. Teaching challenges.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Corpos precarizados que interrogam nossa ética profissional**. In: _____; SILVA, Mauricio Roberto (Orgs.). **Corpo-infância: exercícios tensos de ser criança; por outras pedagogias do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 23-54.

CASAGRANDE, Antonio Cledes. **Educação, intersubjetividade e aprendizagem em Habermas**. Ijuí: Ed.Unijuí, 2009.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

_____. **O ensino de Geografia na Escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

HABERMAS, Jürgen. **Pensamento pós-metafísico**: estudos filosóficos. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2002.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1976.

MOSÉ, Viviane. **A escola e os desafios contemporâneos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

MUHL, E. H. **Habermas e a educação**: racionalidade comunicativa, diagnóstico crítica e emancipação. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1035-1050, out.-dez. 2011. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso: 31 de jul 2019.

VESENTINI, José William. **Geografia**: geografia geral e do Brasil. 1. ed. São Paulo: Ática, 2005.

Recebido em 10/03/2020.

Aceito em 20/05/2020.